

Jéssika

Citrino, ametista, olho de boi, pedra do sol.... Rubi, safira, esmeralda... essas são fáceis... Láis-lazul, lápis-azul, lápis-lazo... essa era cruel de lembrar... Com certeza os nomes de que mais gostava eram a pedra da lua e a tal da prasiolita. Repassou mentalmente de novo tudo que vinha aprendendo sobre joias na TV.

Diamantes de doze pontos... lapidados... aramados... ovais... fecho em ouro branco... anel de aro ajustável... 18 quilates... chuveiro... aparadores... Era coisa demais para sua cabeça de digitador de cartório. Nunca tinha pensado em joias antes. Conhecia só as bijuterias baratas que suas poucas namoradinhas tinham usado ao longo dos anos. Pra falar a verdade, nunca mais tinha tido nenhuma namorada.

Tudo começou em mais uma de suas noites solitárias e insones. Não tinha ninguém especial, não tinha amigos, não tinha vida social. Nada realmente emocionante na vida. Como sempre, fazia zapping pela tevê aberta, sem nenhuma opção às tantas da madrugada, até que a viu: linda, muito branca, bem delineada, bem cuidada, perfeita. Ficou fascinado com aquela mão que demonstrava as joias naquele programa de televisão. Todos os anéis caríssimos ficavam perfeitos naquela mão.

Passou a ver o programa todas as noites. Nunca ia entender de joias, nem ter dinheiro para comprá-las, mas podia ver aquela mão durante duas ou três horas de delícia, já que sonhava acordado com aquelas mãos passeando pelo seu corpo.

Recreava na imaginação a dona daquela mão encantada. Uma moça pobre, porém muito fina, delicada, uma dama antiga daquelas das fazendas do interior. Uma nobreza que se notava por seus gestos delicados na hora de pegar nas joias. Uma beleza de mulher. Sentia-se um felizardo nas noites em que o programa vendia brincos. Tinha então a oportunidade de passear seu olhar sedento pelos lóbulos cobertos de penugem de suas lindas orelhas.

Uma noite dessas olhava embevecido aquelas mãos e orelhas preciosas, quando a voz da apresentadora anunciou que a Jéssika demonstraria uma nova bandeja de colares de pedras brasileiras. Ficou feliz por descobrir o nome de sua amada e tomou um susto enorme quando mostraram aquele colo... alvíssimo. Sonhou passeios infintos naquele colo leitoso da Jéssika, que terminava em seios pequenos, tímidos, suaves.

Ficou louco. Tinha que conhecer aquela mulher.

Pensou que aquele programa devia ser em São Paulo, já que nordestino tem mania de acreditar que tudo que é chique está em São Paulo.

Aproveitou os momentos livres no trabalho para estudar a página do programa. Abandonou as páginas pornográficas que via escondido da chefe e passou a estudar durante dias os nomes das pedras e das joias. Nem sabia bem o porquê, afinal a Jéssika não ia querer ficar falando de trabalho, mas também não sabia que outro assunto podia ter com ela.

Decidiu comprar um presente para ela. Se Jéssika era mesmo pobre como ele a construía na sua fantasia, tocaria em joias todos os dias, mas não teria nenhuma. Começou a estudar as ofertas, tentando decidir que preço o seu parco bolso poderia suportar. Ligou para o leilão televisivo, para descobrir como funcionava a compra e quais eram as formas de pagamento parcelado. Decidiu comprar um anel regulável, já que não dependia de ter as medidas exatas daquelas mãos com as quais ele sonhava, mas que não conhecia. O anel chegou pelo correio e ele sentiu que tinha chegado a hora de agir.

Tirou uma semana de licença no cartório, alegando a doença grave de um familiar que vivia no interior e, como não tirava férias há dez anos, a chefe reclamou, mas permitiu. Comprou uma dessas passagens promocionais em um voo da madrugada e se mandou pra São Paulo. Já tinha conseguido o endereço da empresa e resolveu se aventurar pela primeira vez na vida.

Foi do aeroporto direto para o centro de São Paulo e ficou cochilando na porta do prédio esperando os escritórios abrirem. Chegou à porta da sala da empresa de venda de joias, pedindo a Deus coragem para saber o que dizer. “Oi, cadê a Jéssika?” Pareceu meio ridículo, mas não ia amarelar agora.

Bateu, tremendo da cabeça aos pés e com suor nas mãos. Um segurança meio desconfiado abriu a porta e perguntou o que ele queria.

- Preciso falar com a Jéssika. É assunto de família _ soltou.

- Qual delas?

- Como assim qual delas? A branquinha, magra, loura, de cabelo liso, que apresenta as joias na tevê. O senhor me perdoe, mas é mesmo um assunto muito grave, urgentíssimo.

- Tá difícil, meu amigo. Mas fui com a tua cara. Vem, que te levo no estúdio de gravação, é nesse mesmo andar.

Atravessaram todo o corredor e chegaram ao estúdio. O segurança mandou que ele entrasse e visse qual a Jéssika que ele conhecia.

Não podia acreditar no que via.

Na antesala do estúdio havia umas sete moças branquinhas, magras, louras, de cabelo liso. Ficou feito uma estátua ali sem saber o que fazer, até que uma moça igual às que esperavam no sofá saiu da sala de gravação e uma funcionária apareceu pela porta e disse:

- Próxima Jéssika!

A branquinha, magra, loura, de cabelo liso do começo da fila se levantou e entrou no estúdio.

O mundo rodava, enquanto ele sentia que ia vomitar. A funcionária estranhou aquele homem parado ali, a ponto de desmaiar, e foi ver se precisava de ajuda.

- Posso te ajudar? Você tá passando mal? Senta aqui nessa salinha. Quem é você?

Ele gaguejou: - Vim conhecer a Jéssika, mas... agora... não sei quem é...

- Ah, entendi tudo... Você se apaixonou pela Jéssika do leilão de joias da tevê. Acontece sempre.

- Sempre?

- De vez em quando chega um homem solitário aqui procurando a moça branquinha, magra, loura, de cabelo liso, chamada Jéssika. Olha, meu amigo, sinto te decepcionar, mas a Jéssika não existe, existem várias Jéssikas. Como o emprego de apresentadora de joias paga muito mal, a rotatividade é muito grande. Pra evitar aprender um nome novo toda semana, eles adotaram o “Jéssika” para qualquer uma. Eu mesma já fiz teste para Jéssika muitos anos atrás, mas não me aceitaram. Mas estavam precisando de uma operadora de telemarketing pra vender as joias e fui ficando, ficando, até que acabei sendo supervisora e selecionadora de Jéssikas.

Solano observou a moça que lhe falava e que ele escutava como em um eco distante de uma voz suave e reparou que era muito bonita, uma negra carnuda, “e bem gostosa”, pensou. Olhou para o lóbulo da orelha, com aquela penugem fina e reparou no colo farto e convidativo, no qual qualquer joia ficaria mais bonita e no qual qualquer homem repousaria satisfeito.

- Posso ver as tuas mãos?

Ela, mesmo achando que ele era louco, estendeu-lhe as mãos, sorrindo.

- São lindas.

- Eu sei, por isso vim me oferecer para ser Jéssika.

- Trouxe um presente para você. Tirou o anel de pedra da lua da caixinha, abriu-o um pouco mais, colocou-o suavemente no maior-de-todos da moça. - Agora apresenta ele pra mim.

Ela fez os mesmos gestos sincronizados das moças da tevê, enquanto ele acompanhava maravilhado.

- Como é teu nome?

- Jéssika. Não, não faz essa cara. Eu que sou a verdadeira. Eles gostaram do meu nome e agora me imitam.
- Acha que consigo um emprego em São Paulo?

Cleudene Aragão.

In: Leite, Maria Thereza; Vasconcelos, Vania; Aragão, Cleudene; Cardoso, Inês; Paula, Ruth de.
Rastros de Mentiras e Segredos. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017, 204 p.